



**Trabalhos de campo como metodologia para o fortalecimento entre Ensino,
Pesquisa e Extensão: um Relato de Experiência**

Arthur Henrique R. do NASCIMENTO¹

Lisbeth OLIVEIRA²

INTRODUÇÃO

Apoiado em um tripé de ensino, pesquisa e extensão, o Plano Nacional de Educação de 2014 (BRASIL, 2014, p. 11) determina a obrigatoriedade de atividades de extensão nos cursos de Graduação e Pós-Graduação. Esta obrigatoriedade equivale a 10% da curricularização da formação profissional e acadêmica dos discentes envolvidos. Para o educador e filósofo brasileiro, Paulo Freire, “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julgam não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (FREIRE, 1977, p. 36). Portanto, para alcançar este objetivo se faz necessária a prática de atividades que interliguem o conhecimento acadêmico dos discentes com vivências sociais, que possibilitem ao estudante conhecer e expandir seus aprendizados.

Em vista disso, uma atividade que possibilita o conhecimento e a transformação, envolvendo discentes, docentes e a sociedade em conjunto, é o trabalho de campo. Esta metodologia, ancorada no tripé ensino, pesquisa e extensão, busca aproximar o pesquisador da realidade investigada, através de análises e observações, sucedendo a relações homem-mundo. De acordo com Brandão (2007, p. 12), psicólogo e mestre em antropologia, o trabalho de campo é o estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, “o trabalho de campo é uma vivência, ou seja, mais do que um puro ato

¹ Discente, Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO,
E-mail: arthur.nascimento@discente.ufg.br

² Docente, Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO
E-mail: lisbeth@ufg.br



científico, como talvez pudesse ser um trabalho de laboratório, no caso de um psicólogo experimental, ou a pesquisa de gabinete de um economista”.

Diante desses pressupostos, o objetivo deste trabalho é descrever a viagem de campo para a cidade de Salvador, capital da Bahia, e enfatizar a sua importância para o fortalecimento do tripé aqui citado. Organizada pela Professora Dra. Lisbeth Oliveira, através da disciplina de Comunicação e Antropologia Visual, ofertada pela Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), na Universidade Federal de Goiás (UFG), a viagem foi realizada entre os dias 11 e 16 de janeiro de 2023 e envolveu discentes de diferentes cursos, como: Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Química, Física e Engenharia.

A principal finalidade da viagem foi adquirir conhecimento, trocar experiências, observar aspectos culturais de outra região do Brasil, diferente da nossa, como detalha Freire (1977, p. 22), que diz que a extensão universitária é uma ação cultural de transmissão. Como resultado, os discentes produziram relatos fotoetnográficos da viagem e da cultura analisada em campo; ancorados em conceitos discutidos dentro da disciplina de Antropologia Visual, ministrada durante o semestre letivo 2022/2.

VIVÊNCIAS DE CAMPO

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás (UFG) determina a participação de discentes em atividades de extensão, como por exemplo, em trabalhos de campo. Com o objetivo de proporcionar uma experiência prática com a teórica, viagens como a de Salvador possibilitam aos estudantes envolvidos a construção de novos conhecimentos. Para a realização da mesma, foi solicitado transporte da Universidade, através do empenho da Coordenação de Curso de Jornalismo e recursos por parte da Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD/UFG.

A escolha da cidade de Salvador se deu pela riqueza cultural da primeira capital do país e a sua importância para o estudo da Antropologia Visual. Como metodologia de abordagem, foi utilizada a Fotoetnografia para registrar e relatar a viagem por meio de imagens e textos de forma autônoma entre si, mas ao mesmo tempo interdependentes. De



acordo com Luiz Eduardo Achutti (1997, p. 108), fotógrafo e antropólogo, “a fotoetnografia pressupõe alguns elementos para a sua constituição, como a utilização de fotografias sem textos explicativos entre as imagens ou o uso de legendas. A narrativa deve ocorrer unicamente pelas imagens que apresentem, em si e entre si, uma construção de sentido”. A atividade a campo contou com três dias de visitas a museus, projetos e fundações culturais de Salvador.

No primeiro dia, os discentes visitaram a Fundação Pierre Verger e conheceram a casa do Fotógrafo e Antropólogo. Além disso, os estudantes puderam observar o acervo do pesquisador que realizou múltiplas viagens pelo mundo, fotografando culturas africanas. Em 1988 sua casa foi transformada em Fundação, anos antes do seu falecimento. A iniciativa foi tomada como medida para preservação, organização e divulgação de suas obras e se tornou um relevante centro de informações que serve como acervo para novos pesquisadores das culturas afro-brasileiras. Além de oferecer todos esses serviços, a Fundação também se propõe a organizar oficinas que envolvem dança, instrumentos musicais, arte, esporte e capacitação gratuitas para o público em geral, principalmente para a comunidade do bairro do Engenho Velho de Brotas.

Ao analisar o acervo e conhecer a antiga casa de Verger, os estudantes ampliaram a sua percepção sobre uma nova cultura, antes desconhecida, além de constatar a dimensão de registros antropológicos por meio das imagens. Para Silva e Bianchi (2014, p. 1430), “a percepção aguçada sobre a imagem contribui de forma efetiva para elaboração de contextos culturais diferenciados, indo além das aparências, num contato direto com o mundo ao redor”.

Já no segundo dia, os estudantes visitaram o Projeto Tamar, criado em 1980. A fundação tem por objetivo atuar na preservação das tartarugas marinhas ameaçadas de extinção. Além disso, busca também promover a conscientização dos visitantes com percursos guiados pelo projeto, ressaltando a importância da educação ambiental. Os discentes tiveram a oportunidade de conhecer de perto as diferentes espécies de vidas marinhas, como: tartarugas, tubarões e arraias, além de acompanhar a sua alimentação.



Para os estudantes, a oportunidade de conhecer o projeto trouxe a percepção da importância da preservação das vidas marinhas e do admirável trabalho do projeto.

Como última parte das visitas, os discentes visitaram as exposições de Pierre Verger e Carybé, localizadas no Forte de Santa Maria e São Diogo, respectivamente. Os fortes se situam na Orla da Barra em Salvador, Bahia. O espaço Pierre Verger da Fotografia Baiana conta com quatro mil imagens que retratam a cultura baiana de diferentes percepções. Já no Carybé das Artes, a exposição do artista plástico conta com trezentas obras, lançando mão de recursos tecnológicos e interativos com o público. Nesta atividade, observamos a relevância da Antropologia Visual para a Comunicação através dos textos estudados na disciplina: “Cruzamentos e convergências entre a antropologia visual” (CAMPOS, 2014) e “Antropologia e Comunicação” (RIBEIRO, 2013). A presença nestas exposições e a observação do trabalho dos artistas geraram, nos estudantes, a percepção daquilo que já havia sido observado nos textos teóricos: com imagens e vídeos, podemos nos comunicar, registrar e compreender as sociedades humanas e suas culturas.

De acordo com a antropóloga cultural Margaret Mead, em 1979, os objetivos da antropologia de urgência e a função das imagens nesse processo são formas de garantia para que a história não se perca: “A antropologia, ao agrupar diversas disciplinas [...], aceitou implícita e explicitamente a responsabilidade de reunir e de preservar documentos sobre costumes que desaparecem e sobre povos, quer estejam no estado natural, sem escrita, isolados em qualquer selva tropical, num canto perdido de um cantão suíço, ou nas montanhas de um reino asiático”. Assim entendia ser da antropologia visual essa responsabilidade (RIBEIRO, 2005 apud MEAD, 1979).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final das atividades de campo, nota-se o crescimento adquirido entre os estudantes por meio da construção do relato fotoetnográfico. Também foram percebidas as diferenças culturais diante da percepção de uma realidade distinta da que estávamos



acostumados no Centro-Oeste do país. Poder observar, analisar e descrever uma cultura diferente, possibilitou a nós, os discentes, uma ampliação do conhecimento acadêmico e social. Contudo, viagens de campo necessitam de mais investimentos para o fortalecimento do tripé: ensino, pesquisa e extensão, pois esta metodologia é um ótimo modelo para a sua concretização. Além disso, vivências como essa transformam o olhar dos discentes sobre o mundo, acrescentando, na formação profissional destes indivíduos, oportunidades de saírem de suas respectivas “bolhas culturais”.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.

BRANDÃO Carlos Rodrigues Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. Sociedade e Cultura [em linha]. 2007, 10(1), 11-27 [Acesso em: 13 de Março de 2023]. ISSN: 1415-8566. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70310103>

CAMPOS, Ricardo (2014). Cruzamentos e convergências entre a Antropologia Visual e a Comunicação. Portal de la Comunicación InCom-UAB · Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330222549_Cruzamentos_e_convergencias_entre_a_antropologia_visual_e_a_comunicacao_Portal_de_la_Comunicacion_InCom-UAB_Lecciones_ISSN2014-0576/link/5c34c20892851c22a364b07f/download Acesso em 16.03.2023.

FREIRE, Paulo, 1977. Extensão e comunicação? Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FUNDAÇÃO PIERRE VERGER. 2023. Disponível em: <https://www.pierreverger.org/br> Acesso em: 15 mar./2023.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Estabelece o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2014. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/proexc/sobre/arquivos-diversos-para-publicacao/lei-no-13-005-de-25-de-junho-de-2014.pdf/view> . Acesso: 16 mar. 2023.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 613-648, 15 nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/MtQwkdZbLPyfSX6dCzMd3wj/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 mar. 2023.



RIBEIRO, José da Silva (2013). Antropologia e Comunicação: o que a Antropologia Visual tem a dizer à comunicação? In Comunicação e Antropologia Visual / organizado por Arlete dos santos Petry, Eneus Trindade, Luís Carlos Petry e Nicolás Llano Linares. São Paulo: INMOD / PPGCOM-ECA-USP, p. 34-46.

SILVA, Maria Alice Moreira; BIANCHI, Vaner Silvia Soler. Percepção: imagens de um recorte histórico. Comunicação e Antropologia Visual, São Paulo, p. 1430-1439, 29 ago. 2014.